

Invisível



Valdo Virgo/CB/D.A. Press

VIDA

TRATAMENTO

- A esclerose múltipla é uma doença que ainda não tem cura, sendo, portanto, considerada uma condição crônica, mas que possui tratamento disponível. Em cerca de 85% dos pacientes, ela se manifesta na forma chamada recorrente-remittente. Essa forma significa que o paciente apresenta os chamados surtos, que são episódios de sintomas como visão dupla, perda de sensibilidade ou alteração visual.
- A forma recorrente-remittente possui tratamentos disponíveis e, atualmente, existem terapias aprovadas de alta eficácia que conseguem controlar a doença de maneira muito adequada, permitindo que o paciente leve uma vida normal. “O ideal é que o tratamento seja iniciado o mais precocemente possível, para que o paciente possa se beneficiar plenamente das terapias, que serão escolhidas com base em seu perfil clínico, na disponibilidade e no acesso. Vale destacar que a maior parte dos medicamentos utilizados no tratamento da esclerose múltipla está disponível pelo Sistema Único de Saúde (SUS)”, argumenta Tarso Adoni.

DIAGNÓSTICO

- O diagnóstico é, inicialmente, suspeitado com base na avaliação clínica. Assim, queixas como alterações sensitivas, dificuldades na movimentação ocular, perda de sensibilidade nas pernas ou vertigem contribuem para levantar a suspeita diagnóstica. Os exames imprescindíveis e obrigatórios para a confirmação do diagnóstico são a ressonância magnética e a coleta do líquido cefalorraquidiano (o líquido).
- Frederico Jorge esclarece que o diagnóstico precoce é essencial para um tratamento eficaz. “A doença pode causar lesões silenciosas no sistema nervoso mesmo nos estágios iniciais. O tratamento precoce ajuda a conter a inflamação, preservar a função neurológica e reduzir o risco de progressão da doença a longo prazo. Hoje, o conceito de janela terapêutica precoce é amplamente adotado na prática clínica”, acredita.

Palavra do especialista

Como os medicamentos imunomoduladores ou imunossupressores atuam no controle da doença?

Essas medicações têm como objetivo modular ou suprimir a resposta imune do organismo, evitando que o sistema imunológico ataque a mielina, que é a estrutura que protege as fibras nervosas. Os imunomoduladores atuam de forma seletiva, enquanto os imunossupressores são usados em casos mais agressivos, com ação mais ampla. Ambos contribuem para reduzir a atividade da doença, evitar surtos e retardar a progressão das sequelas neurológicas.

Quais avanços recentes na neurologia oferecem esperança para quem convive com a doença?

Nas últimas décadas, a esclerose múltipla passou de uma doença de difícil manejo para uma condição com ampla gama de tratamentos eficazes. Novas drogas, tanto orais quanto injetáveis, com diferentes mecanismos de ação, têm sido aprovadas, inclusive no SUS. Há também pesquisas em andamento com terapias de remielinização e células-tronco, além do uso crescente de biomarcadores para personalizar o tratamento. Esses avanços têm permitido intervenções mais precisas e um prognóstico mais positivo para os pacientes.

Frederico Jorge é neurologista do Hospital Santa Catarina Paulista